



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

**MONICA ANNELI DA SILVA VASKU**

**VOZES DO ENGENHO:**  
**CADERNO ESPECIAL SOBRE O ENGENHO VELHO DA**  
**FEDERAÇÃO**

Salvador  
2008

**MONICA ANNELI DA SILVA VASKU**

**VOZES DO ENGENHO:  
CADERNO ESPECIAL SOBRE O ENGENHO VELHO DA  
FEDERAÇÃO**

Memória descritiva da produção do Caderno Especial sobre o bairro do Engenho Velho da Federação, apresentada como exigência legal para a conclusão do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Giovandro Marcus Ferreira.

Salvador  
2008

A Verônica e Juha.

Pela dedicação e pela vida.

E a Douglas, pelo nosso amor.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus.

A Verônica, por nunca deixar de acreditar e pelo amor incondicional de uma mãe.

A Juha, pela dedicação, apoio e amizade verdadeira de um pai.

A Alimira, Sizenando e Vera, por sempre estarem ao meu lado.

A Douglas, pelo amor e aconchego em todos os momentos.

A Yara, pelo espelho e amizade.

A Tuula e Matti, pelo amor sempre presente apesar da distância.

A Stella, pela amizade e cumplicidade desde o primeiro passo.

A Giovandro, pela sabedoria, atenção e orientação desde a primeira aula.

A Daniel, pelas liberações, pelo apoio, pela confiança e manhãs alegres.

A Evandro e Gabi, por me salvarem com tanto carinho no último momento.

A todos os moradores e admiradores do Engenho Velho da Federação, pelo carinho, respeito e hospitalidade.

E a todos que direta ou indiretamente colaboraram para que este objetivo fosse concretizado.

## **RESUMO**

Esta memória tem o objetivo de apresentar todas as fases de produção do “Vozes do Engenho”, um caderno especial sobre o bairro do Engenho Velho da Federação realizado em parceria com Stella Galvão. Aqui serão informadas as motivações que levaram a dupla a escolher o tema e o produto. O leitor também poderá informar-se sobre como se deu o processo de elaboração do caderno, desde o trabalho de campo, até a finalização gráfica.

**Palavras-chave:** Engenho Velho da Federação; Caderno Especial; Reportagem.

## SUMÁRIO

1. O projeto.....	7
1.1. Apresentação e delimitação do problema.....	7
1.2. Porque um Caderno Especial sobre o Engenho Velho?.....	10
2. O Caderno Especial.....	11
2.1. Definição.....	11
2.2. Tema principal: Engenho Velho da Federação.....	13
3. A elaboração.....	14
3.1 A pesquisa.....	14
3.2 O trabalho de campo.....	18
3.3 As matérias.....	20
3.4 A pós-produção.....	24
4. Considerações finais.....	25
5. Bibliografia.....	x

# **1. O PROJETO**

## **1.1. APRESENTAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA**

Esta memória, em conjunto com o caderno especial, é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), realizado no segundo semestre de 2008 para o curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo, que tem como tema principal o bairro do Engenho Velho da Federação.

A memória se propõe a apresentar todo o processo que levou à conclusão do TCC. Ela apresentará desde a pré-produção (como o trabalho de pesquisa e teorias que foram utilizadas), passando pelo trabalho de campo que abrange as entrevistas e realização de fotos, até a pós-produção em trabalhos como a diagramação e impressão final.

Para a realização deste trabalho suas autoras tiveram que fazer pesquisas acerca da história do bairro e sobre técnicas de reportagem. Também houve a necessidade de se aprender sobre a elaboração de um caderno especial, suas características e objetivos. O resultado da pesquisa e da elaboração do suplemento resultou no “Vozes do Engenho”, uma grande reportagem composta de seis matérias sobre o bairro.

As matérias têm como temas a história do Engenho Velho; as religiões que convivem no bairro; a situação das crianças e adolescentes; a ausência do estado; os movimentos sociais; o cotidiano da comunidade e a violência. Para a redação das matérias a reportagem foi escolhida por possibilitar um maior aprofundamento em cada assunto, além da utilização de um texto mais livre, que não foge ao texto jornalístico, mas permite uma maior aproximação ao literário, como exemplo.

Além de contar a história do bairro escolhido, procuramos ressaltar sua contribuição na formação da capital e desvendar possíveis manifestações culturais que ainda não tenham sido apropriadas por preconceito ou por pura falta de interesse

da população dos demais bairros. Destacaremos ainda os problemas e deficiências enfrentadas pela população da comunidade.

O Engenho velho da Federação é predominantemente negro. Sua origem parte de relatos de que naquela área existiu um quilombo de escravos que teriam conseguido se desvencilhar do controle branco. Lá encontramos o mais antigo terreiro de candomblé do Brasil, a “Casa Branca”, tombada como patrimônio cultural da humanidade. Ao redor deste provável quilombo, diversos terreiros se firmaram e até hoje mantêm suas atividades.

O bairro, no ano de 2005, foi escolhido como o primeiro a ser contemplado com o projeto “Quilombos Urbanos”, uma parceria entre a prefeitura municipal de Salvador e o governo federal. Quilombo Urbano é definido como uma localidade que tem história de resistência da herança afro-brasileira e um sentido forte de territorialidade e de comunidade. O poder público liberou verbas para a realização de melhorias urbanas na área, priorizando os locais de acesso aos terreiros (ver página 14).

A escolha de produzir um caderno especial sobre um bairro complexo, onde miséria, preconceito, violência, riqueza cultural e resistência convivem em um mesmo território, reúne uma série de desafios: prática profissional, confecção de um produto e como desfazer visões pré-feitas e se ater em retratar o bairro como ele é.

A realização de um TCC em forma de produto não reúne apenas um problema. Como foi elaborado um trabalho prático, o problema foi atrelado à elaboração. Além das questões do produto, foram enfrentados desafios teóricos no que tange à abordagem escolhida.

A questão teórica (subjéitiva) esteve concentrada, em todo o processo, em ser feita uma abstração das próprias impressões e idéias possivelmente preconceituosas das autoras em relação ao bairro, para que a essência daquela população pudesse ser alcançada com uma maior propriedade. O desafio foi, em todo o tempo, de elaborar um produto que fosse fiel às características da comunidade do Engenho Velho da Federação, e que não fossem inseridas idéias anteriormente assimiladas em relação



àquelas pessoas e práticas. Os meios de comunicação têm realizado uma cobertura sobre o Engenho apenas quando noticiam os fatos violentos que lá acontecem, o que reproduz uma imagem puramente negativa sobre aquela comunidade para o resto da população de Salvador. Por este motivo, buscou-se nesta reportagem uma abordagem diferente daquela já realizada pela mídia de massa, por este motivo no “Vozes do engenho” há um maior espaço para outras questões que não a da violência, com o objetivo claro de mostrar o que há de bom ali. Ricardo Noblat resume bem no livro “A arte de fazer um jornal diário” a tendência do jornalista em priorizar as notícias negativas:

“Fora dos manuais, notícia na verdade é tudo o que os jornalistas escolhem para oferecer ao público. E, como nós valorizamos principalmente as notícias negativas, o mundo que os meios de comunicação retratam parece muitas vezes pior do que verdadeiramente é”. (NOBLAT, 2003: 31)

Os problemas práticos foram muitos. O primeiro e mais importante esteve ligado ao objetivo de proporcionar aos leitores uma visão diferenciada em relação ao assunto abordado. O objetivo foi de praticamente interferir na idéia que as pessoas têm sobre o Bairro e sobre seus problemas e habitantes. Em seguida foi verificada a necessidade de atenção à linguagem e recursos utilizados para que o conteúdo seja assimilado de uma forma clara, já que o público será abrangente e formado por pessoas dos mais diferentes níveis sócio-culturais, sendo que boa parte delas já incorporou uma imagem negativa desta região.

O cuidado com o texto esteve presente também em relação ao trato com a comunidade e os entrevistados no projeto. Descrições de lugares, como casas, e de pessoas, foram realizadas com muito cuidado para que nenhum tipo de ofensa, mesmo que não intencional, fosse compreendida quando estas fontes tivessem acesso ao material.

## **1.2. PORQUE UM CADERNO ESPECIAL SOBRE O ENGENHO VELHO?**

O Engenho Velho da Federação é um bairro que desperta interesse mesmo que a pessoa não tenha uma ligação direta com ele. Seja pelo receio causado pela violência divulgada pela mídia, seja por ser o bairro que abriga o único monumento público que presta homenagem a uma sacerdotisa do candomblé. O Engenho Velho não foi a primeira opção de bairro para este TCC. Foi pensando inicialmente em realizar um trabalho sobre o Santo Antônio Além do Carmo, mas no momento em que um amigo sugeriu o bairro, não houve dúvidas. O Engenho Velho certamente seria uma boa escolha.

Surgiu então uma grande vontade de conhecer mais profundamente a história do surgimento daquele bairro, pois a versão de que ali existiu um quilombo de escravos fugidos já era conhecida por uma das autoras. A existência do terreiro mais antigo do país e a praça em homenagem a mãe Runhó (ver mais na página 14) despertaram particular interesse. O que nos impulsionou a realizar tal projeto foi a vontade de sair do conceito estabelecido socialmente sobre os bairros periféricos e construir um outro conceito, através de um produto jornalístico que se propõe a não apenas noticiar os resultados dos problemas sociais lá existentes, mas a fazer matérias que se aprofundem nos temas tentando identificar suas origens e reflexos.

O “Vozes do Engenho” pretende mostrar quanta riqueza cultural pode ser encontrada em uma comunidade pobre e carente. Foi realizada uma pesquisa na mídia impressa (no primeiro semestre de 2008) de notícias sobre o bairro que encontrou apenas cinco matérias que não abordavam problemas sociais de uma maneira negativa: “TEATRO E RESGATE SOCIAL” (A Tarde, 22.07.06, Caderno 2, p. 1, Eduarda Uzeda); “ENGENHO VELHO EMANCIPA-SE : NEGRITUDE DÁ PERSONALIDADE À ÁREA” (Tribuna da Bahia, 06.08.1987, Cidade, p.20); “BAIRRO GANHA OBRAS POR SER QUILOMBO” (A Tarde, 25.09.2005, Local, p.12, Cleidiana Ramos); “SOLIDARIEDADE NÓRDICA” (Correio da Bahia, 28.01.2005, Aqui Salvador, p. 8, Fernanda Grisi); e “ENGENHO VELHO

DA FEDERAÇÃO, BERÇO DO AXÉ” (A Tarde, 26.02.2000, Caderno 2, p.4, Maria de Fátima Dannerman). Além da parte cultural, foi dada voz às fontes que, na maioria das vezes, não são consultadas, a exemplo de assaltantes. Do mesmo modo tiveram espaço as fontes oficiais que puderam dizer que tipo de ações de melhoria foram realizadas naquela comunidade.

Um outro interesse das autoras foi de despertar a curiosidade da população pela história de Salvador através do desenvolvimento de um bairro. Assim as pessoas podem construir uma nova concepção da capital baiana, entendendo melhor seus desafios, que só serão compreendidos a partir do momento em que seja dado um canal de visibilidade para tais bairros que concentram as maiores dificuldades enfrentadas pela população. Dificuldades estas que acabam refletindo no bem estar de todos e que também são de responsabilidade de cada cidadão.

A escolha por um caderno especial se deu pela vontade das autoras de aperfeiçoar suas técnicas de redação. Este formato possibilitou a prática das rotinas produtivas de um meio jornalístico impresso. Suas dificuldades, desafios e formatações. Foi explorado um campo desconhecido (já que as experiências profissionais das formandas estão nas áreas de televisão e assessoria de imprensa) como forma de por à prova todo o conhecimento teórico adquirido nos anos da graduação.

## **2. O CADERNO ESPECIAL**

### **2.1. DEFINIÇÃO**

Para atender às expectativas de elaboração desta TCC as autoras precisavam de um meio impresso que pudesse veicular matérias com abordagens “atemporais”, ou seja, pela definição do jornalismo, “pautas frias”, já que as matérias seriam realizadas em determinado mês, mas só seriam publicadas algum tempo depois. Como também não há um projeto definido sobre a periodicidade do material, caso o

projeto seja mantido, havia necessidade de que o formato impresso também não possuísse intervalos definidos de publicação. Devido a estas demandas e analisando os produtos impressos utilizados na atualidade, se chegou à conclusão de que um caderno especial seria o formato indicado para o trabalho.

Um caderno especial<sup>1</sup> é um suplemento jornalístico, utilizado principalmente por jornais de grande circulação, que aborda apenas um tema e o retrata em diversas abordagens (matérias). Ele também não possui uma periodicidade que deva ser obrigatoriamente definida e suas pautas são atemporais e possibilitam um maior aprofundamento e relação entre as matérias. Tais características se apresentaram ideais para a realização do trabalho em questão. Em um caderno especial a técnica de jornalismo utilizada é a da reportagem, que permite o aprofundamento do tema da pauta.

“Por isso, é a reportagem – onde se contam, se narram as peripécias da atualidade – um gênero jornalístico privilegiado. Seja no jornal nosso de cada dia, na imprensa não-cotidiana ou na televisão, ela se afirma como um lugar por excelência da narração jornalística. E é mesmo, a justo título, uma narrativa – com personagens, ação dramática e descrições do ambiente – separada entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa”. (SODRÉ; FERRARI, 1986: 9)

No jornalismo baiano um bom exemplo de caderno especial foi o *Correio Repórter*, do antigo Correio da Bahia, atual Correio, que era publicado aos domingos. O suplemento já não existe, mas representava bem o conceito de reportagem proposto com temas aprofundados e texto mais livre. No jornal A Tarde há os cadernos de Marketing, que possuem um interesse mercadológico, com a venda do caderno para se dedicar exclusivamente a um tema proposto por determinada empresa que tenha comprado o suplemento da semana. Não deixa de

---

<sup>1</sup>Mais informações sobre a teoria que levou à definição de um caderno especial pode ser encontrada na página 14.

ser um caderno especial, mas no caso da venda a característica do jornalismo que toca na imparcialidade fica comprometida.

## 2.2. TEMA: ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO

Segundo o historiador Edmundo Franco, existem algumas hipóteses sobre a origem do bairro, mas nenhuma foi confirmada até os dias atuais. O professor Cid Teixeira corrobora a ausência de uma versão definitiva e acrescenta que não há bibliografia específica sobre o tema.

**Engenho** - Muitos acreditam, até mesmo pelo nome escolhido, que ali existia um grande engenho de um dos latifundiários que dominavam a sociedade na época da escravidão. Segundo Orlando Barbosa, membro da Associação de Moradores do Engenho Velho da Federação desde os anos 70, a ocupação do bairro se dá no final do século XVIII e início do XIX, quando escravos e migrantes do interior do estado lá se estabeleceram. Duas grandes fazendas de engenho de cana-de-açúcar ocupavam quase toda a área: Madre de Deus, da família Filgueira Santos (“a mesma do ex-governador Roberto Santos”), e Engenho Velho, pertencente à família Catarino (da qual Henriqueta Catarino, que hoje empresta seu nome a uma rua e ao colégio estadual, foi herdeira). Entre as décadas de 40 e 60, as fazendas foram loteadas e arrendadas para moradores, na sua maioria de baixa renda.

**Quilombo e Revolta dos Malês** – Em seu laudo antropológico sobre o Terreiro do Bogum, o professor Ordep Serra fala que a tradição atribui a origem a um quilombo formado por escravos fugitivos de um engenho com sede entre o Rio Vermelho e a atual Avenida Cardeal da Silva. A versão ganha ainda mais força pela grande concentração de terreiros. Os adeptos do candomblé sofriam com a forte perseguição das autoridades e era preciso buscar áreas isoladas para a realização dos cultos.

Segundo o historiador Ubiratan Castro, o Terreiro do Bogum era dono de uma grande faixa de terra onde hoje existe o fim de linha do Engenho Velho. A *roça* do

Bogum foi dividida em duas com a construção da Ladeira Manoel Bonfim. Castro relata que, na época em que o bairro era ainda pouco habitado, Mãe Runhó (então doné do referido terreiro), sensibilizada com a situação de seus irmãos de raça, começou a distribuir lotes para os mais pobres e a vender para quem pudesse pagar. Assim começaram a ser construídas as poucas casas de taipa que povoaram o bairro no início de sua formação, logo após o início do processo de arrendamento.

Com cerca de 80 mil habitantes, na sua maioria afro descendentes, o Engenho Velho da Federação é considerado um dos maiores bairros negros de Salvador. Em 2005, foi o primeiro bairro a ser contemplado com o projeto “Quilombos Urbanos”, uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Salvador e o Governo Federal. Classifica-se como Quilombo Urbano a localidade que tem história de resistência da herança afro-brasileira e um sentido forte de territorialidade e de comunidade. Essa interpretação foi normatizada com a publicação do Decreto 4.887/2003 que ampliou a definição até então centrada nos espaços rurais herdeiros das comunidades que, historicamente, serviram como espaço de refúgio e luta contra a escravidão. No caso do Engenho Velho, os terreiros foram fundamentais na escolha para ser o projeto-piloto, pois são entendidos como marcos de resistência negra.

### **3. A ELABORAÇÃO**

#### **3.1. A PESQUISA**

Quando é realizado um estudo sobre a capital baiana percebe-se que, assim como o Engenho Velho, diversos bairros que no passado funcionaram como centros de resistência e cultura negra – principal raça componente da Bahia – são hoje desconhecidos e estigmatizados pela imagem de bairro pobre e violento. Percebemos nesse momento que enquanto os bairros oferecem vasta história cultural, a população desconhece essa importância e carece de informações acerca deles, já que quando ganham visibilidade na mídia quase sempre são associados à miséria e violência.

Para desenvolver o caderno especial, utilizamos estudos de autores sobre esse tipo de publicação. De acordo com Alberto Dines (1996), com o surgimento da TV na década de 50, os jornais passaram por um processo de “revitalização”, que é uma aproximação com as reportagens feitas para revistas. Datam do início dos anos 60 os primeiros suplementos de jornais brasileiros: Economia, no Jornal do Brasil, e Turismo, na Folha de São Paulo. Segundo o autor (1996), os diários começaram, assim, a ganhar aparência menos apressada e mais densa. Tornaram-se transcendentais.

No livro *Jornalismo de Revista*, Marília Scalzo define revista como um encontro entre um editor e um leitor, um contato que se estabelece, um fio invisível que une um grupo de pessoas e, nesse sentido, ajuda a construir identidade, ou seja, cria identificações, dá sensação de pertencer a um determinado grupo. Nesta mesma obra, a autora mostra como alguns recursos são fundamentais para a conquista do leitor: capa, pauta, design, títulos, infografia e textos.

Os escritos de Sérgio Vilas Boas também contribuíram para o projeto. Em seu livro *O Estilo Magazine: O Texto em Revista*, o autor traz os recursos do jornalismo de revista que são utilizados em cadernos especiais. Assim como nos magazines, o suplemento também possui um público específico. Outra semelhança é a questão do tempo e do espaço. O profissional dispõe de prazos mais elásticos para pesquisas e entrevistas e maior número de páginas. Os cadernos especiais também se apropriaram de outros recursos estilísticos atrativos, como fotos maiores, infográficos e diagramação diferenciada.

As palavras de Carmem Carvalho, presentes em seu artigo *Segmentação do Jornal, a história do suplemento como estratégia de mercado*, resumem bem como os cadernos especiais assumiram um papel importante na Era da Informação:

“Em um mundo repleto de fontes de informação, o jornal diário parece ter encontrado a fórmula, por meio dos suplementos, para organizar todas elas e repassá-las ao leitor. Como se vê, o jornal precisa se dirigir a públicos específicos, por meio de cadernos e suplementos, que, ao segmentarem sua audiência, ampliam os

públicos. A questão está em como fazer tudo isso sem abdicar da profundidade da informação, da análise crítica, do comentário, da opinião, e do uso de uma estética agradável no desafio diário contra o tempo e o espaço limitados”. (CARVALHO,2007:14)

No planejamento e execução deste projeto, contamos com estudos sobre as teorias do jornalismo. O “Vozes do Engenho” pode futuramente ser integrado a um jornal. E este jornal é, antes de tudo, uma empresa com políticas, normas e metas. Como dono ou representante de propriedade, o *publisher* tem o direito nominal de estabelecer a política editorial do jornal e de verificar se as atividades estão coordenadas (ROETHLISBERGER E DICKSON, 1947). Para que a linha editorial estabelecida seja cumprida, alguns profissionais, chamados de “gatekeeper”, filtram o conteúdo do que será publicado. Em nosso trabalho, iremos passar por esse processo tanto no momento de selecionar o que será usado em nosso caderno, quanto na hora em que possivelmente submeteremos nosso material à análise de um grupo de empresários do ramo jornalístico.

No quesito seleção das pautas e produção das notícias, faremos uso da teoria do *newsmaking*. De acordo este estudo, todo o material que é veiculado no meio jornalístico segue o critério dos *valores/notícia*:

“Utilizam-se de duas maneiras. São critérios de seleção dos elementos dignos de serem incluídos no produto final, desde o material disponível até à redação. Em segundo lugar, funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na preparação das notícias a apresentar ao público”. (GOLDING – ELLIOTT, 1979,144).

Esses critérios produtivos e práticas profissionais definem a noticiabilidade (a aptidão para se tornar notícia) de um fato, que será descontextualizado, ou seja, separado do contexto de origem, para poder ser recontextualizado nas formas informativas.



No que tange à formação e desenvolvimento de Salvador, contamos com as valiosas contribuições de pesquisadores e historiadores como Ubiratan Castro, Cid Teixeira, Thales de Azevedo e Pedro Calmon. Estudos do historiador Cid Teixeira nos revelam que Salvador nasceu para funcionar como um elo entre oriente e o ocidente. Tomé de Souza foi enviado com a missão de fundar uma cidade com papel globalizante de base, de sustentação e de estaleiro. Durante muito tempo, Salvador funcionou como capital econômica e social da metrópole, cidade fortaleza e ponto de entrada dos negros escravos trazidos para o Brasil.

Porém, a cidade que nasceu de forma planejada em 1549, apresentou um desenvolvimento desordenado. A partir das décadas de 50 e 60 do século XX, assim como as demais cidades do país, Salvador passa por um crescimento industrial e econômico, o que provocou grandes transformações na cidade. A chegada das indústrias, expansão do comércio e crescente migração criou a necessidade de novos espaços para moradia. A falta de planejamento e baixo poder aquisitivo da população (boa parte dela descendente de escravos) propiciou o surgimento de invasões e favelas, que hoje denunciam a estratificação social existente – a exemplo do Engenho Velho da Federação. O que poucas pessoas sabem é que, por trás do amontoado de “casas” e das manchetes de violência nos jornais, o Engenho Velho abriga uma história de cultura e resistência negra.

A falta de interesse e falta de informações pela história de tais bairros por parte da população é explicada pelo preconceito social e racial. Na Psicologia Social, o preconceito é definido por Allport (1954), como sendo uma atitude negativa em relação a uma pessoa baseada na crença de que ela tem as características negativas atribuídas a um grupo. Essa atitude seria constituída por dois componentes: um cognitivo, a generalização categorial, e um disposicional, a hostilidade, que influenciaria comportamentos discriminatórios (Jones, 1972).

Através do estudo das pesquisas dos estudiosos relacionados a cada tema procuramos nos basear para aprofundar o nosso trabalho. É fundamental conhecer a teoria e a história do que iremos abordar para que possamos ter respaldo, inclusive para discordar de algo que não nos pareça coerente.

### 3.2. O TRABALHO DE CAMPO

Após a pesquisa chegou o momento de ir ao bairro e realizar o trabalho de campo, com entrevistas e fotografias. Nesta etapa foi possível colocar em prática as técnicas de reportagem aprendidas na Oficina de Jornalismo Impresso, ministrada no terceiro semestre.

O primeiro passo foi definir quantas matérias seriam realizadas, seus temas e a ordem de execução. Maiores detalhamentos sobre a realização de cada uma serão realizados no próximo tópico. Após a definição, foi iniciada a produção da primeira matéria: a do cotidiano do bairro. Neste primeiro momento nosso objetivo era de fazer um texto que tentasse passar para o leitor a dinâmica do Engenho Velho, o cotidiano das pessoas que ali moram e quais são suas características.

Ficou definido que toda a produção dessa fase seria realizada pelas próprias autoras. Do trabalho de selecionar as fontes e marcar as entrevistas até as fotografias. A partir daí foi iniciado o trabalho de campo, com visitas regulares ao bairro para o colhimento de depoimentos para a realização das pautas. Nas entrevistas foi fundamental a ajuda do pai de uma das autoras, que possui um projeto social no bairro e pode colaborar com muitas fontes.

A primeira visita ao Engenho Velho para dar início à produção das matérias foi feita na tarde do dia 28 de agosto do ano corrente. Logo ao chegar ao ponto de ônibus que fica na entrada do bairro uma das autoras, a que ainda não possuía contato com aquela comunidade, verificou a entrada de oito viaturas da polícia militar no bairro e pode ouvir comentários de populares a respeito da onda de violência que vem atingindo o local.

A recepção causou um pouco de receio na estudante, mas ao primeiro contato com o Engenho Velho, a desconfiança deu lugar à simpatia. Em momento algum as autoras se sentiram ameaçadas ou inseguras, pelo contrário, o clima pelas ruas sempre foi de descontração e alegria. Ao abordar estranhos em busca de

informações a resposta era um sorriso e um tratamento com alto nível de cordialidade. Como não se sentir bem em um lugar assim?

É verdade que em oportunidades em que as autoras não estiveram no bairro, mas que estavam no período de elaboração do caderno, houve notícias de troca de tiros e homicídios nas ruas do Engenho à luz do dia. Felizmente, nesta memória, este tipo de situação não precisará ser relatada por não ter sido presenciada.

As fontes foram diversas e específicas para cada matéria. Moradores antigos para a pauta de história, religiosos para a de religião, crianças e jovens para a de infância e adolescência, etc. As entrevistas foram gravadas e as partes mais relevantes das falas eram anotadas em um bloco que cada repórter adquiriu exclusivamente para o trabalho, com o objetivo de realizar uma pré-organização da matéria que surgiria dali, destacando as falas mais importantes de cada entrevistado.

As fotografias foram tiradas pelas duas repórteres, com uma máquina digital de alta resolução. Foram feitas fotos produzidas já com a intenção de serem utilizadas nas matérias, como a que mostra uma menor de idade amamentando uma recém-nascida sob o olhar da mãe que está na janela, e fotos espontâneas que, pelo excelente resultado, acabaram por ser inseridas no caderno. As técnicas de enquadramento utilizadas para as fotografias foram apreendidas na Oficina de Fotografia ministrada pelo professor José Mamede no laboratório da Faculdade de Comunicação.

As fontes oficiais, como órgãos da prefeitura, foram ouvidas apenas em duas circunstâncias: para solicitação de dados ou para solicitação de resposta às reclamações e/ou denúncias realizadas pela comunidade. O contato foi feito através da assessoria de imprensa de cada órgão, que providenciou o retorno para as solicitações.

### 3.3 AS MATÉRIAS

Foram feitas seis matérias que pretendem abordar o Engenho Velho da Federação de diversas maneiras. São pautas sobre o cotidiano do bairro; sobre a infância e juventude; história; religião; trabalhos sociais e violência. Vamos falar um pouco sobre cada uma seguindo a ordem em que são apresentadas no produto:

- **PRAZER, ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO**

A matéria pretende apresentar o bairro ao leitor, mostrar seu cotidiano, as características da comunidade e das ruas. Os moradores têm a oportunidade de dizer se gostam ou não de morar ali, e justificar sua posição. Esta é a primeira reportagem do caderno e apresenta superficialmente alguns temas que são destaque no Engenho Velho e que serão mais aprofundados nas próximas páginas. Para ilustrar o texto, foi utilizado o recurso de um mapa do bairro com os nomes das principais ruas que são citadas nesta matéria, e em grande parte das outras. A foto escolhida é uma panorâmica, que mostra um lado do bairro voltado para a invasão da Baixa da Égua.

Após a leitura de “Prazer, Engenho Velho da Federação”, o leitor terá o mínimo de conhecimento sobre o bairro necessário para prosseguir na leitura das demais reportagens.

- **ENGENHO DE TODAS AS CRENÇAS**

A pauta tem como tema a apresentação das diversas religiões que convivem no bairro. São católicos, seguidores do Candomblé e evangélicos que possuem diversos templos espalhados pelas ruas do Engenho Velho da Federação.

Para falar sobre o Candomblé, foram visitados três dos 13 terreiros catalogados no bairro, além dos que ainda não foram identificados. O critério para que estas três casas fossem as escolhidas são justificadas por seus valores históricos e pela nação

que cada uma representa. A religião dos afro descendentes é dividida entre três nações: ketu, jeje e angola. Para que todas fossem contempladas foi eleito um terreiro de cada povo. A Casa Branca, terreiro mais antigo do país, é ketu. O Bogum, mais antigo do Engenho Velho da Federação (a Casa Branca existia anteriormente na Barroquinha), é jeje. E o Tanuri Junsara é angola.

No caso da religião evangélica há diversos templos espalhados por todo o bairro. Foram visitados os dois mais conhecidos: o da Lírio dos Vales e da Universal do Reino de Deus, não apenas por serem populares, mas também por estarem na Avenida principal.

Em momento algum do trabalho de campo feito pelas autoras houve alguma ameaça de violência. Porém, todos os entrevistados e moradores não aconselhavam a entrada em Ruas mais internas do bairro, afinal, mesmo que seja uma pequena parcela daquela comunidade, o fato é que há traficantes de drogas espalhados por algumas ruas e a presença de estranhas não é bem vista por eles.

A igreja católica possui uma paróquia com apenas uma igreja na Rua Apolinário Santana, a Santa Cruz, que também está incluída na matéria. O padre Ari, assim como o pastor Cláudio da Lírio dos Vales e os representantes dos três terreiros de Candomblé visitados, relataram como é a relação entre religiões distintas mas que convivem tão proximamente. A única que não aceitou falar sobre o tema foi a Universal do Reino de Deus. No templo, localizado na Apolinário Santana, o pastor foi orientado a encaminhar qualquer representante da imprensa à Catedral localizada no Iguatemi, mesmo quando o assunto é sobre a relação do religioso com a comunidade. Mesmo assim a pessoa indicada a falar pela instituição na Catedral foi procurada e acabou por não responder aos questionamentos. No único momento em que houve uma resposta, a impressão foi de que o pastor parecia ignorar fatos relacionados à Universal, que denunciam a intolerância religiosa praticada por seus fiéis.

- **O ENGENHO VELHO ERA ASSIM...**

A matéria sobre a história do Engenho Velho da Federação é a principal do caderno. Possui cinco páginas e está no centro da apresentação das pautas. Nela são apresentadas todas as versões sobre a origem do bairro encontradas pelas autoras, através de entrevistas com moradores antigos e historiadores, já que não foi encontrada bibliografia específica sobre o tema.

Foram apresentadas as versões apresentadas como oficiais, e também as estórias, os “causos”, contados pelos moradores, que chegam a afirmar que no terreno do morro do engenho Velho há um tesouro escondido há séculos por um líder negro.

A pauta também conta como era o bairro no tempo em que, os hoje idosos, eram crianças ou jovens. As memórias mais alegres e peculiares foram registradas para o “Vozes do Engenho”.

- **VIOLÊNCIA: A OUTRA FACE DO ENGENHO VELHO**

A violência foi um assunto que esteve em destaque durante todo o período de realização do caderno especial. Fatos como uma chacina e o assassinato de um policial à luz do dia traumatizaram a população e são debatidos de forma recorrente. Houve dias em que as autoras se programaram para ir ao bairro para prosseguir os trabalhos, mas tiveram que mudar de planos devido a uma troca de tiros entre marginais ou a uma operação policial que fatalmente acabava em confronto armado.

O objetivo do suplemento, desde o início, foi de privilegiar as coisas boas encontradas no Engenho Velho para que a imagem preconceituosa causada pela violência não vigorasse também neste trabalho. Portanto, apesar do bairro viver um momento delicado no quesito segurança, foi dado ao tema um destaque menor em relação a outros assuntos.

As fontes ouvidas foram representantes das polícias civil e militar, a população, e um dos homens presos na carceragem da delegacia que atende ao bairro. Havia uma expectativa das autoras de ter acesso a um traficante que gozasse de liberdade para que o mecanismo do tráfico pudesse ser compreendido e debatido com as autoridades. Porém a fonte que estava prevista foi presa e transferida para uma

delegacia onde as autoras não puderam lhe entrevistar. Chegou a ser cogitada a abordagem a outras lideranças do tráfico na região, mas devido ao clima de confronto entre as facções rivais presente no período da reportagem, a tentativa foi descartada.

A matéria apresenta os principais casos de violência registrados no Engenho Velho no ano de 2008, porém carece de dados estatísticos sobre número de ocorrências policiais contabilizadas no mesmo período. O Centro de Documentação e Estatística Policial (Cedep), órgão da Secretaria de Segurança Pública, foi procurado para que tais dados fossem levantados, mas a informação é de que não há um controle estatístico específico sobre o Engenho Velho, mas sim sobre toda a área de que ele faz parte como Federação, Garcia e Barris.

- **TRABALHO SOCIAL TEM SIDO DESTAQUE NA COMUNIDADE**

O texto aborda algumas das carências dos serviços públicos apontadas pela população, como irregularidades no abastecimento de água e necessidade de um recapeamento asfáltico. São apresentadas as respostas encaminhadas pelas assessorias de imprensa dos órgãos citados sobre os problemas expostos.

O foco principal da matéria está nos trabalhos sociais realizados por determinadas pessoas e que tentam suprir a ausência do estado em quesitos como educação, saúde pública e trabalho. Também há destaque para os grupos que vão além e tentam identificar e sanar a carência afetiva de muitas crianças que possuem uma situação familiar desfavorável.

- **E A NOVA GERAÇÃO?**

A sexta e última matéria tenta apresentar como são as crianças e adolescentes que vivem no Engenho Velho da Federação. Quem são elas, o que pensam, quais seus planos? Alguns dos principais problemas enfrentados por esta parte da população são identificados e debatidos através da fala de profissionais como os de saúde e educação.

O elevado número de jovens grávidas com idades inferiores à recomendada pela Organização Mundial de Saúde (18 anos) é apresentado através de dados colhidos com a Secretaria Estadual de Saúde. Os dados são gerais ao estado da Bahia, pois não existe um levantamento específico sobre a realidade das jovens do bairro, um número específico que represente a situação das jovens grávidas no Engenho Velho.

### **3.4. A PÓS-PRODUÇÃO**

A fase de produção das matérias ocupou um tempo maior que o estabelecido devido à impossibilidade de se ir ao bairro em determinados dias de registro de violência. Devido a este contratempo, a pós-produção teve que ser realizada em um período inferior ao planejado.

Terminada a fase das matérias, entrevistas e redação dos textos, chegou a hora de dar forma ao produto. A primeira coisa a fazer foi definir como seria a capa, o nome do caderno, a ordem das reportagens, seus títulos, fotos e legendas. Mesmo com o tempo reduzido, uma profissional em língua portuguesa foi procurada para revisar os textos, mas só houve tempo hábil para que dois fossem corrigidos, o restante ficou a critério das próprias autoras.

A diagramação foi feita por Juha Vasku, profissional com experiência em diagramação há nove anos. O projeto gráfico foi todo de sua responsabilidade, com acompanhamento das formandas. Todo o trabalho foi realizado no programa 'Quarck'.

A vontade inicial era de ser feita, logo de início, a impressão de 200 cópias do trabalho, para que ele pudesse ser distribuído no Engenho Velho. Mas as gráficas só aceitam a impressão de, no mínimo, 500 cópias, o que encareceria bastante o serviço. Devido à possibilidade de realização de algumas correções no material, as autoras pensaram ser mais sensato realizar a impressão de apenas cinco cópias nesta primeira fase de apresentação do resultado à banca para, só depois, imprimir uma quantidade maior de exemplares a serem distribuídos no bairro.



Portanto foram feitas cinco cópias de um caderno especial com 20 páginas em papel A4 (A3 dobrado), tipo couchê e com todas as faces coloridas. Este não é o formato definitivo do caderno, que originalmente deveria ser impresso em formato tablóide com papel jornal, mas uma quantidade reduzida de cópias só poderia ser feita pela gráfica rápida nestes moldes.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo de realização deste TCC trouxe o enriquecimento profissional esperado para quem nunca havia tomado para si a responsabilidade de realizar um trabalho completo, desde a elaboração de pautas até a impressão final de um caderno. As dificuldades enfrentadas foram muitas. Como o trabalho foi realizado em dupla, houve a necessidade permanente do diálogo, para que as duas autoras ficassem satisfeitas com os resultados.

Os desafios se concentraram na elaboração dos textos. As outras fases, como produção e entrevistas, não trouxeram muitos empecilhos, mas os textos foram escritos e reescritos um sem número de vezes. Havia momentos em que os estilos de cada repórter não se encontravam, gerando uma revisão das matérias para que se aproximassem a um meio termo. Em outras oportunidades, eram identificadas a falta de algumas informações necessárias, então se voltava às fontes para responder às questões. E assim, até o último momento, foram encontrados pontos carentes de revisão nos textos, ou por real necessidade, ou por capricho com o trabalho que representará a conclusão de uma parte de extrema relevância na vida de cada uma das formandas.

Foram apreendidas com a pesquisa e com as práticas as rotinas produtivas do meio impresso. A iniciativa da elaboração de um caderno especial possibilitou um aprimoramento da linguagem escrita das autoras e uma maior aproximação com os trabalhos de fotografia e diagramação.

Além dos aprendizados pertinentes à profissão de jornalista, o contato com a comunidade do Engenho velho da Federação trouxe lições de vida, cidadania e

convivência. Com Valdina Pinto, makota do terreiro Tanuri Junsara, a essência do Candomblé pode ser enfim compreendida pelas estudantes. Certamente Valdina, em uma das várias tardes em que recebeu as autoras, realizou a descrição mais bonita até então ouvida sobre o candomblé. “Veja se alguém, em alguma parte do mundo, já viu ou encontrou com Deus? Nunca. As pessoas cultuam em suas religiões seres humanos que se destacaram, como Jesus, que foi um homem extremamente evoluído e iluminado, mas não deixou de ser um homem. No Candomblé nós cultuamos diretamente a Deus. Não à sua figura pois, como todos, nunca o vimos, mas cultuamos aquilo que sabemos que é sagrado, pois já estava aqui quando chegamos e foi criado por ele. A água, a terra, o ar e o fogo, através de todos os seus fenômenos, são sagrados para o povo de santo. Eles são a maneira que temos para nos comunicar com a energia original, que é Deus”.

A simplicidade e alegria das pessoas que participaram deste trabalho também foram marcantes. Destaque para Dona Paula e Dona Bóia, criaturas extremamente simples e que causaram emoção com suas histórias e trajetórias de vida.

Ao final da execução de todas as fases deste TCC, o sentimento despertado é de orgulho, pela consciência de que o que poderia ter sido feito para o cumprimento de todos os objetivos já apresentados neste trabalho foi realizado. Obviamente, se tivermos que enumerar procedimentos que seriam revistos caso o trabalho fosse iniciado agora, a lista seria grande, mas este é o reflexo de que a consciência do que é correto e o que não é na execução de um produto como um caderno especial foi bem apreendido, através de uma experiência bastante enriquecedora para qualquer estudante de jornalismo.

A última etapa concentra a expectativa de verificar qual será a receptividade do “Vozes do Engenho” dentro da comunidade que o inspirou e pautou. A satisfação de ver o trabalho concluído depende agora da aprovação dos personagens. Afinal foram eles que deram vida às idéias e expectativas de duas estudantes, que esperam ter realizado um trabalho que esteja à altura de uma conclusão da graduação de jornalismo da UFBA, após quatro anos de preparação.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALLPORT, G. *The nature of prejudice*. Cambridge: Addison-Wesley, 1954.

ARAÚJO, U. C. *Salvador era assim. Memórias da Cidade*. Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, Salvador, 1999.

CARVALHO, Carmen. *Segmentação do Jornal, a história do suplemento como estratégia de mercado*, 2007.

DINES, Alberto. *O Papel do Jornal: uma releitura*. 6 ed. São Paulo: Summus, 1996.

FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. *Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.

FERREIRA, Giovandro Marcus. *Apontamentos sobre as propriedades do campo de produção jornalístico*.

JONES, J. M. *Prejudice and racism*. Reading, Massachusetts: Addison Wesley, 1972.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Contexto, 2003.

VILAS BOAS, Sergio. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus, 1996.

TEIXEIRA, Cid. *Bahia em Tempo de Província*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1986.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 1994.

